O discurso populista como uma confusão de questões políticas

Do ponto de vista do discurso, o estudo do populismo é problemático por várias razões. Tendo em vista os comentários que circulam no espaço público principalmente veiculados pelos meios de comunicação que acusam qualquer partido que se diga do povo como populista. Tendo em vista os julgamentos feitos sobre o populismo pelos próprios atores políticos, que ora o estigmatizam, ora o reivindicam. Finalmente, no que diz respeito às formas de analisar esta questão, sob o prisma das disciplinas das ciências humanas e sociais, que cada vez fornecem uma explicação específica: para o historiador Pierre Rosanvallon, "A actualidade do populismo é a atualidade da fadiga democrática; é a sombra negra das disfunções democráticas."[1]; para o filósofo Jacques Rancière, teria a aparência de um republicanismo de esquerda defendendo valores universais, mas desprezando as diferenças, estigmatizando o comunitarismo; para Cas Mudde e Cristobal Rovira Kaltwasser, o populismo é "uma ideologia insubstancial que considera que a sociedade está dividida em dois campos homogêneos e antagônicos, o 'povo puro' e a 'elite corrupta'"[2] ; e para Ernesto Laclau e Chantal Mouffe o populismo deve ser integrado à democracia como uma forma de governo que aparece: "quando as massas populares são excluídas por muito tempo da arena política, então surgem certas formas de liderança que não estão no quadro ortodoxo da democracia liberal .

Como qualquer questão de sociedade, o populismo é objeto de análises de várias disciplinas, nenhuma podendo esgotar o assunto por si só, mas sua conjunção podendo lançar alguma luz sobre ele. No entanto, encontramos um ponto comum nessas explicações, aquele que afirma que o populismo não é nem um regime político nem uma ideologia, nem um programa político, nem uma teoria do Estado, nem um fascismo, nem um totalitarismo, sem ser totalmente alheio a todas essas formas de sociedade política. Em outras palavras, o populismo é um ator da democracia, pois o que o funda é a oposição de pontos de vista.

Para a análise do discurso, trata-se de descrever os discursos que circulam no espaço público do campo político sob uma dupla ótica: (i) a da mecânica discursiva, ou seja, da *encenação enunciativa* como estratégia de persuasão para a população cidadã a fim de construir uma opinião pública favorável ao locutor; (ii) o do *conteúdo axiológico* portador de valores organizados em um sistema ideológico de pensamento, ecoando os imaginários sociais que caracterizam uma dada sociedade e cultura. Essa dupla perspectiva de análise tem seu ponto de partida em vários corpora: corpus de declarações de atores políticos; corpus da mídia noticiosa que os difunde e analisa; corpus de comentadores e pensadores de todos os tipos. Mas, como devemos observar também as reações dos cidadãos, recorremos a um corpus constituído por depoimentos de cidadãos recolhidos pelos meios de comunicação e por inquéritos diversos, bem como por opiniões que circulam nas redes sociais. É, portanto, uma questão de examinar a interação que ocorre entre *a oferta política* e *a demanda social*.

---

[1] *L'Obs* n° 2717, 12/01/2016, em seguida, seu livro *Le siècle du populisme* , Paris, Seuil, 2020.

[2] Case Mudde e Cristobal Rovira Kaltwasser, *Brève introduction au populisme*, co-publicada pela Fundação Jean-Jaurès e L'Aube, 2018.

Características do discurso populista

Fui levado, em várias ocasiões, a descrever as características discursivas do discurso populista[3] e suas estratégias de manipulação, que fazem parte dessa era pós-moderna de descrença. Vou relembrá-los especificando-os, os pontos essenciais, e me esforçarei aqui para mostrar como o discurso populista produz uma confusão ideológica que desestabiliza a sociedade.

O discurso populista faz parte de uma *estratégia que* visa construir uma opinião pública favorável a um líder político. Assim definido como uma primeira aproximação, o discurso populista se confundiria com qualquer discurso político. Com efeito, faz parte do *contrato* do discurso político que se estabelece entre um *corpo político* e um *corpo cidadão* . Este contrato faz com que o corpo político desenvolva um discurso segundo uma cenografia triádica composta por três momentos discursivos: *descrever o estado de desordem social de* que padecem a sociedade e os cidadãos, determinando a origem do mal; *denunciar os responsáveis* que permitiram o desenvolvimento desse transtorno por causa de suas ideias ou de sua incompetência; *defender os valores* que devem reger o bem-estar dos cidadãos e a vida em sociedade, o que pressupõe que o defensor desses valores se apresente como exemplar.

O discurso populista se constrói sobre os três pilares desse cenário, mas levando suas características ao excesso: a desordem social é *exacerbada* com a ajuda de um discurso de *vitimização* que descreve as forças do mal e constrói um *bode expiatório*; os responsáveis tornam-se *culpados* com a ajuda de um discurso de *satanização* que os torna adversários a serem eliminados; quanto aos valores são defendidos de forma *paroxística*, glorificando a tradição, o passado e a pureza das identidades, e seu defensor se apresenta como um *salvador* perfeitamente justo, até mesmo como um *messias*.

Sua estratégia discursiva se desdobra principalmente no campo das emoções e sentimentos: o medo do outro que gera sentimentos xenófobos; o medo de perder a própria condição social que relega as pessoas à inexistência; raiva das injustiças e desigualdades; a dúvida em relação à informação e ao conhecimento, fonte de desconfiança que causa desencanto, desamparo e tendência à conspiração; incerteza diante das forças da globalização e da natureza, fonte de ansiedade diante do desconhecido. Do ponto de vista de sua estratégia discursiva, o discurso populista faz parte, portanto, do discurso político, exacerbando-o.

As ideias e valores defendidos pelos povos, populações e eleitorados dependem *dos sistemas de crenças* específicos dos vários grupos sociais que vivem num determinado contexto cultural. Entre esses sistemas de crenças - que podemos chamar de ideologia ou imaginários sociais - há alguns que correspondem às posições dos partidos políticos de direita e de esquerda. Elas se configuram no que chamaremos de "matrizes discursivas ideológicas": matriz ideológica à direita, matriz ideológica à esquerda, que passaremos a revisar brevemente.

---

[3] Entre outros: "Réflexions pour l'analyse du discours populiste", *Revista Mots*, n° 97, *Autoridades locais em busca de identidade*, ENS Éditions, Lyon, 2011; e "Du discours politique au discours populiste. Le populisme est-il de droite ou de gauche ?", In Corcuera F. et alii (eds.), *Les discours politiques. Regards croisés*, Paris L'Harmattan, 2016, p. 32-43.

A matriz ideológica da direita

A matriz ideológica de direita é caracterizada por uma *visão de mundo* em que "a natureza se impõe ao homem". Daí decorre uma 'lei natural' que submete o ser humano ao comando da mãe natureza, atrás da qual, em uma versão religiosa, está a mão de Deus. A metáfora da *árvore*, como ordem orgânica do mundo humano, é seu símbolo. Observando que nem tudo é igual na natureza e que, como nos animais, as relações entre os indivíduos são relações de força. Segue-se que as desigualdades são de natureza, e que as relações são de dominação entre os fortes e os fracos, como mostra a Bíblia o que justifica o direito dos eleitos. É *a ordem da natureza.* Isso não está isento de contradições, pois são as políticas de direita radical que destroem a natureza (desmatamento no Brasil) e que são climatocépticas (Trump, Bolsonaro). Um certo número de valores flui dele em um movimento de conservação das coisas.

O valor da família

É nele que se faz o indivíduo: não é o indivíduo que faz o grupo, mas sim o grupo que o faz, daí a importância da filiação, do inato e do peso da tradição familiar através da qual o indivíduo se reproduz e que, ao mesmo tempo, essencializa este grupo central em um destino imutável.

Isso justifica uma ordem piramidal da composição familiar, no topo da qual está a figura do patriarca, do comandante, ao mesmo tempo protetor dos membros de sua família. Este modelo se estende ao corpo político, no topo do qual está um poder tutelar: primeiro sob a figura do rei, em tempos de governo monárquico, ele mesmo de obediência divina, cujos membros são súditos fazendo um ato de fidelidade, depois sob a figura do líder natural, neste caso o presidente da república.

O valor do trabalho

O homem é concebido como fabricante de riquezas por sua atividade criativa e laboriosa, que requer uma posição de poder para *fazer as coisas acontecerem*. Movimento sem fim, visto que a necessidade se renova constantemente o que leva a uma expansão infinita, como afirma Adam Smith, para quem "apetites insaciáveis (...) levam à expansão permanente da máquina para a produção de bens e serviços, fontes de satisfação"[4].

O trabalho baseia-se no mérito, porque a competição é a lei da vida que exige coragem e gosto pelo esforço. Mas em uma ordem hierárquica de superior a inferior, entre, primeiro, os senhores, os senhores, os chefes, depois os chefes, por um lado, e os subordinados executores que são primeiro os camponeses, depois os trabalhadores, do outro. Isso garante uma ordem em que a palavra do líder não seja posta em causa, excluindo assim qualquer organização de protesto que desestabilize o trabalho de produção. Porque a busca pelos indivíduos do seu próprio interesse garante a prosperidade coletiva: "Ao perseguir o seu próprio interesse, [o indivíduo] muitas vezes promove o da sociedade"[5], escreve Adam Smith. Assim, uma

---

[4] *Recherches sur la nature et les causes de la richesse des nations,* Économica, 2000.
[5] *Théorie des sentiments moraux*, Puf, 2014.

atividade produtiva se organiza a serviço do corpo social ao qual quem trabalha tudo deve, justificando assim, sem sempre dizê-lo, a servidão, a escravidão, o trabalho na fábrica e por último o empregado. Daí a paixão pela ordem que está ligada ao lucro, ao autocontrole e aos aparelhos de produção.

O valor da nação

A nação é concebida como aquilo que reúne simbolicamente um povo num território, numa pureza étnica, religiosa e linguística. Trata-se de um corpo social constituído pelos "filhos da Nação" como essência fundadora da sua identidade, cujo símbolo é a árvore que não sofre por ser deslocada ou enxertada. Portanto, qualquer interferência estrangeira e qualquer mistura étnica deve ser combatida como um inimigo que corre o risco de manchar a herança de identidade da nação. Se existem vários nacionalismos, *étnico-culturais*, como é defendido em certos países latino-americanos, *religiosos* como nos países árabes-muçulmanos, *afirmam* como nos países onde domina o estado republicano laico, podemos dizer que na ideologia de direita, em pelo menos até o século XX, o nacionalismo é ao mesmo tempo étnico-cultural, religioso e estatal.

O Corpo Certo de Doutrina

Estes valores básicos constituem o corpo de doutrina do Direito. Nós encontrá-los, se reuniram, no slogan do governo de Vichy, na França, ('trabalho, família, pátria'). Estes valores são variadamente configurados de acordo com as circunstâncias históricas, mas podemos dizer que constante permaneceu aqueles de *conservadorismo*, de *segregacionista* e *nacionalismo*.

Um conservadorismo que se baseia nos valores da *filiação* e da *hereditariedade* que dependem de uma origem pela qual somos responsáveis e que se perpetuam ao longo da história. Um conservadorismo que busca manter uma hierarquia de postos, em uma estratificação social de cima para baixo, cada nível querendo ser superior ao inferior. Um segregacionismo que resulta da concepção *naturalista* do mundo, em que os seres não são, em essência, iguais uns aos outros[6]. Haveria, portanto, categorias de indivíduos superiores aos outros. Um nacionalismo de singularidade que reúne pessoas, território e língua, e isso particularmente na França em sua concepção centralizadora e jacobina da política. Encontramos aqui a ideia de uma origem fundadora de um povo que se perpetuou ao longo da história, o que faz com que esse nacionalismo seja acompanhado por uma visão de um *etno*, branco, povo cristão, mas que deve ser cuidado pelas elites, por este povo é ignorante.

Segue uma concepção de liberdade que se esforça para preservar seu bem e, portanto, a propriedade dos indivíduos. É acompanhado pelo conceito de *segurança* como ação de preservação do patrimônio. A frase da declaração dos direitos do homem e do cidadão de 1789, "A liberdade consiste em poder fazer tudo o que não prejudica os outros" é aqui interpretada no que diz respeito à *livre iniciativa* do mercado. Assim, desenvolvem-se -e continuam a desenvolver-se-, à direita, os temas da soberania, e o culto da identidade segundo as raízes cristãs que toma o lugar do universal.

---

[6] Um tema recorrente em Jean-Marie Le Pen. Veja o estudo de Souchard M. et *al.*, *Le Pen. Les mots. Analyse d'un discours d'extrême droite*, Le Monde Éditions, Paris, 1997.

A matriz ideológica de esquerda *:*

Foi necessário começar por descrever a matriz ideológica da direita, porque a matriz da esquerda assenta em oposição a esta, numa visão de mundo em que é o homem que se impõe à natureza. Observando que a natureza é desigual, que as relações entre os seres vivos são dominantes, o ser humano, vivendo em sociedade, deve se esforçar para reduzir gradativamente as desigualdades. A sua visão de mundo é portanto dinâmica: não pretendemos defender um estado de coisas, mas fazê-lo evoluir para a melhoria dos indivíduos, da qual *nasce* a noção de *progresso*, garantindo a igualdade entre os homens.

O valor do grupo

É uma questão aqui da concepção do grupo como um *corpo social* resultante de várias agregações de classe, de corporação profissional, de atividades associativas, e não da família, o único grupo de referência do direito. As relações entre os membros do grupo são igualitárias em nome da igualdade de dignidade de indivíduos. Esta concepção igualitária é, portanto, oposição a qualquer tentativa de relações de dominação na sociedade por parte de uma autoridade que iria tirar proveito de sua posição de poder para submeter indivíduos. Ainda mais, a natureza sendo desigual para o benefício dos mais fortes e alguns querem manter este estado de coisas, é necessário lutar contra essas mesmas pessoas que querem manter seus privilégios: em frente *a ordem hierárquica* se opõe uma *igualitária ordem em direitos*; de frente para a *discriminação* é contra a *solidariedade social*; Conheça os *interesses* do grupo se opôs ao *interesse geral*. Nesta perspectiva, as pessoas, ao contrário da visão do direito, é concebida como a massa de aqueles que não estão em uma posição dominante: os *plebeus*, as *pessoas de demonstração,* se opõem ao *povo ethnos* da direita.

O valor do trabalho

Também se define em oposição a uma organização vertical, hierárquica, sujeita aos ditames dos patrões. Idealmente, é concebido de acordo com uma ordem horizontal, autogestão, distribuição e compartilhamento de decisões e possibilidades de negociação por intermédio de grupos de defesa dos trabalhadores: os sindicatos. Em outras palavras, o *princípio de comando* do direito se opõe a um *princípio de disputa*. Esta concepção de trabalho está ligada a uma sociedade urbanizada e à industrialização da produção que organizou uma certa divisão do trabalho em especialidades em torno da máquina propícia à priorização e controle das tarefas e seus executores, uma concepção diferente do trabalho. Assim, na época da industrialização do século 19, formou-se um espírito de corpo de trabalhadores que entrava na luta contra o poder patronal. Assim a economia liberal é denunciada. A esquerda, no entanto, mantém uma fé progressiva no desenvolvimento técnico e científico, coletivo, para o benefício da sociedade.

O valor da nação

Esse valor também vem das lutas pela igualdade. O povo sendo concebido como a plebe, o *demos* , é o fundamento da democracia na medida em que representa *a soberania popular*,

em igualdade de direitos de participação na vida da Cidade. Tal nação não pode viver de acordo com a ordem imutável de uma autoridade de origem divina ou profana da qual emana um mundo social hierárquico por natureza. O modelo deve ser revertido em favor da soberania popular que, baseada na igualdade de direitos dos cidadãos, escolhe seus representantes e controla a ação política. Se a nação está ligada ao povo, é como o povo decide. Nada podendo opor-se à igualdade entre os cidadãos, as crenças religiosas não podem substituir o poder público, e este na sua organização temporal só pode ser neutralizado, daí, na França, a lei do *laicismo*. Sendo esses valores dados como um princípio universal, outra característica caracteriza a esquerda: o *internacionalismo*. Porque existe um apelo à solidariedade internacional entre os povos dos países que perseguem a mesma luta pela libertação contra a opressão dos sistemas políticos autoritários e pela defesa das classes sociais desfavorecidas.

O corpo de doutrina

Assim se define o *corpo doutrinário* da esquerda: um *igualitarismo* que se compromete a lutar contra todas as formas de dominação e discriminação; um *progressivismo* para a emancipação do indivíduo deve levar à emancipação social; uma preocupação com o *interesse geral* que conduz à solidariedade social; separação entre vida pública e vida privada, garantida pelo princípio do laicismo, sendo as crenças religiosas reservadas ao setor privado sem possibilidade de proselitismo.

Ao contrário da direita, que vê a liberdade como o local onde as mercadorias do indivíduo são preservadas em relação à livre iniciativa, a esquerda vê a liberdade como um processo, um processo de libertação de todas as formas de dominação que impedem indivíduos para emancipar. Mas é uma questão de emancipação pessoal no âmbito de uma comunidade humana, a emancipação social através do exercício do trabalho coletivo (contra liberal individualismo de direita). Daí a necessidade de um Estado forte, um intervencionista do Estado e proteção, que, de acordo com a Convenção de 1792, garante esses valores. A esquerda foi construída sobre um ideal onde o crescimento económico e o progresso técnico e científico permitiram o progresso social e melhores condições de vida juntos.

O espírito igualitário de esquerda significa que, perante uma organização hierárquica do trabalho sujeita aos ditames dos patrões, opõe-se a uma ordem de autogestão, ou pelo menos de negociação e partilha de decisões. E, em geral, diante de qualquer tentativa de dominação e discriminação, a resposta por meio da educação e da participação cidadã na vida da Cidade. Um princípio de universalidade que deve criar solidariedade internacional entre os países que perseguem a mesma luta pela libertação contra a opressão dos sistemas políticos autoritários e pela defesa das classes sociais desfavorecidas, o que às vezes pode justificar uma ação revolucionária.

Vemos que a matriz ideológica da esquerda se contrapõe à da direita ao fazer predominar um único princípio, fundador da vida em sociedade: a *igualdade*. Ao honrar a transcendência republicana vertical, a *res-publica*, que confere a cada indivíduo uma humanidade igual,

patrimônio da Revolução e do Iluminismo, sua luta se situa na horizontalidade da democracia que resulta na exigência do bem-estar do a pessoa na igualdade social dos indivíduos[7].

A confusão da encenação discursiva

Direita e esquerda usam o mesmo discurso de *vitimização* da classe trabalhadora, despertando temores: medos de identidade de *desidentificação nacional* sob a ameaça de uma invasão estrangeira (direita), e sob os ditames de uma Europa percebida como um poder soberano abstrato, sem o devido identidade (direita e esquerda); receios de *degradação social* devido à globalização da crise económica e financeira e de uma economia ultraliberal, que confundem a distinção entre categorias sociais, tendo em comum a perda de poder de compra; medos diante da *insegurança*, focalizando atos de delinqüência, os subúrbios em chamas, a escola que não é mais um lugar de santuário, mas de decadência moral e incivilidade. Assim, a esquerda radical e a extrema direita levam em consideração os afetos, jogando com os medos, a raiva, a indignação e o desprezo.

A direita e a esquerda usam o mesmo discurso de *satanizar os culpados*. *A Europa* apresentada como seguidora do capitalismo financeiro e do neoliberalismo: "ídolo brutal e insaciável"[8]; uma "camisa de força sufocante e destrutiva [que impõe] o ultraliberalismo e [o livre comércio] em detrimento dos serviços públicos de emprego, da igualdade social e até do nosso crescimento econômico"[9] diz a extrema direita. "A União Européia está abolindo nossa história republicana e está nos fazendo pagar por isso com um estrondo!"[10], diz a esquerda radical, denunciando o *capital financeiro*: "O mundo que está diante de nós é o resultado do aumento da dominação do capital financeiro sobre o mundo, o produto monstruoso de duas décadas de políticas neoliberais que lançaram as sementes de um sério declínio na civilização." Criticado é tudo o que constitui um *sistema* (instituições e burocracia) que seria a causa de todos os males: "O sistema é um grupo de pessoas que defendem os seus próprios interesses sem o povo, ou contra ele."[11], para a extrema direita; "O sistema é a casta." Para a esquerda radical[12]. Também culpados são os *políticos* e todas as *elites* , acusados de ter um discurso perito que só raciocina com cifras, que se vendem aos ditames do neoliberalismo e que estão desligados da França profunda, da "França esquecida"[13], quando não são acusados de corrupção.

A direita e a esquerda *apelam ao povo* e se fundem com ele. O discurso de apelo ao povo, que é concomitante aos demais discursos, também se encontra nos dois extremos. Ele é

---

[7] Podemos nos referir a *L'histoire globale des socialismes. XIX°-XXI° siècle*, sob a direção de Jean-Numa Ducange, Razmig Keucheyan e Stéphanie Roza, Paris, PUF, 2021.
[8] *Le Monde*, 24 de junho de 2015.
[9] Marine Le Pen, 16 de janeiro de 2011, congresso de investidura da FN, *Le Monde*, 11/01/17.
[10] J.-L. Mélenchon, RMC 2005.
[11] Marine Le Pen, *Le Monde*, 6/01/17.
[12] J.-L. Mélenchon, *Le Monde*, 01/06/17.
[13] Ver: Christophe Guilluy, *La France Périphérique*, Flammarion, champs, 2015; expressão que foi retomada pelo FN.

chamado de ‘os pequenos’, ‘o povo’, ‘os abandonados’, ‘os deixados para trás’, e é chamado a acreditar na promessa de redenção e libertação do jugo imposto pelas elites. Nós o fazemos despertar a ilusão de mudança imediata (“Ahora!”, “Agora!”); é chamada a dirigir a ação contornando os aparatos político-administrativos e convocando referendos em nome de uma democracia participativa. Apelamos aos nossos concidadãos para que se fundam numa alma colectiva toda empenhada no desejo de salvação, porque se trata de mobilizar a esperança. Assim, o líder populista, de acordo com seu temperamento e seu carisma, poderia ir tão longe a ponto de se apresentar como *o homem providencial* tal, embora de forma diferente, Trump nos Estados Unidos, Orban na Hungria, Erdogan na Turquia ou Bolsonaro em Brasil., Pablo Iglesias na Espanha, Bepe Grillo e Salvini na Itália, Mélenchon na França. Ele então se coloca como guia do povo e, se tem carisma, assume a forma de *profeta*. Pode até chegar a se fundir com o povo, como Chávez que declarou: “ Já não sou eu mesmo, sou um povo que está aqui, com sua coragem e dignidade, reescrevendo sua história, o povo de Bolívar”[14]. Também deve ser credível ao construir um *ethos* de autenticidade: “Eu sou como você me vê”, “Eu faço o que digo”, “Não tenho nada a esconder”. Trata-se de estabelecer uma relação de confiança cega com as pessoas por ser puro.

Conflito ideológico na defesa dos valores

Para o embaralhamento efetuada pela encenação da cenografia política, é adicionado um lutando no campo da defesa dos valores, como podemos ver através dos principais temas que caracterizam o momento de exaltação de valores: *a soberania popular*, *economia soberana*, *identidade nacional*.

A direita e a esquerda defendem *a soberania popular*. Os dois encontram-se, de forma diferente, em toda a Europa: um ataque à soberania económica e depois política, como testemunham as decisões do Tribunal de Justiça Europeu. A Europa é criticada por impor seus ditames neoliberais (duração do tempo de trabalho no exército)[15], e para promover um federalismo neoliberal que apague as diferenças nacionais: não há soberania europeia porque não há povo europeu, argumenta-se aqui e ali, à esquerda e à direita que se encontram no que escreveu Ernest Renan no século XVIII: “O que constitui uma nação é ter feito grandes coisas juntos no passado e querer fazer mais no futuro.” “A extrema direita defende a soberania em nome do mito da *nação orgânica* contra uma” Europa liberal (...) que mantém todos os povos sob o jugo do eixo Sarkozy-Merkel (que) deve ser rompido na França”[16]. A esquerda radical, por sua vez, o faz em nome do *povo-cidadão* e da *igualdade*: “Sejamos o povo soberano em todos os lugares, cidadãos na cidade e no trabalho”[17]. Mas, à direita e à esquerda, os líderes pedem um *referendo* sobre o tratado da União Europeia, e mesmo sua extensão no âmbito de uma democracia participativa: para Jean-Luc Mélenchon, devemos

[14] Hugo Chávez, “Gran concentración” Día del pueblo heroico”, Presidencia de la República Bolivariana de Venezuela, discurso del 13 de abril del 2003.
[15] Decisão de 15 de julho de 2021.
[16] Marine Le Pen.
[17] *Profissão de fé do FN,* durante a campanha presidencial de 2012.

"fortalecer e ampliar a soberania direta do pessoas"; para Marine Le Pen, temos que passar por um referendo porque "para renegociar um tratado, começamos por votar contra para dizer que discordamos!"[18].

Direita e Esquerda defender uma *economia soberana*. A extrema direita, defendendo uma *economia protecionista*: "Vou pôr fim à ditadura dos mercados financeiros através da criação de um Estado forte, estratégica e de proteção"[19]. A esquerda radical reivindicando uma *economia de* mercado *nacional* , uma realocação de atividades de modo que "o poder [esteja] nas pessoas, não nas finanças"[20]. Esses dois partidos são contra uma economia neoliberal internacional e afirmam um "patriotismo econômico", ao criticar um sistema tributário que exige muitos impostos e muitos impostos. Em ambos os campos, ser liberal é ser filho da Revolução Francesa e da República, em nome da emancipação, da liberdade individual e do direito à propriedade privada contra o dos senhores (antes), do Estado (hoje), o que não é sem contradição. Com efeito, o liberalismo, que chamaremos de societário, veio de fato da Revolução como a emancipação do indivíduo e seu direito de existir autonomamente, que encontraremos mais tarde na declaração dos direitos humanos, mas ao mesmo tempo gera uma liberalismo que defende a liberdade de empresa, a competição no mercado e uma lei dos mais fortes com o propósito de desenvolver a riqueza que deveria recair sobre as classes populares[21].

A direita e a esquerda defendem uma *identidade nacional*. Um certo nacionalismo, na extrema direita exaltando o patriotismo de uma nação nativa, convocando "um vasto encontro de patriotas de esquerda e de direita", na esquerda exaltando o patriotismo de uma *nação que é igual* em direitos sociais. Apesar dessas poucas diferenças, é de fato uma confusão de ideologias que estamos testemunhando em torno da questão da identidade como *independência*: *independência* política como direito à soberania nacional, independência econômica como direito de dispor dos próprios recursos, independência do povo como o direito de se reconhecerem em sua especificidade histórica. A noção de Estado-nação sempre foi uma fonte de divisão, a esquerda querendo ser internacionalista, a direita um nacionalismo autoritário e anti-semita (o caso Dreyfus). Mas agora a direita e a esquerda se encontram em um nacionalismo contra qualquer desintegração de identidade.

Direita e Esquerda defendem os mesmos *valores republicanos*, como podemos ver no que diz respeito ao secularismo. É certo que parece haver oposição entre os dois campos no que diz respeito à imigração, a extrema direita considerando que é necessário resistir ao multiculturalismo exigindo que os imigrantes se assimilem ou sejam expulsos do país: "Oponho-me aos estrangeiros em nome dos valores republicanos , porque são incompatíveis com estes valores", enquanto a esquerda radical recorda a universalidade dos valores da República ao defender, não a assimilação, mas *a integração* das populações imigrantes em nome da solidariedade social e da igualdade de direitos, e esta de acordo com as matrizes

---

[18] Em Montpellier, 8 de fevereiro.
[19] *Profissão de fé* do FN, campanha presidencial de 2012.
[20] *Profissão de fé* de LFI, campanha presidencial de 2012.
[21] Ver: Pierre Manent, *Histoire intellectuelle du libéralisme*, Fayard, 1987.

ideológicas de direita e esquerda, a primeira apoiando a natureza individual, a segunda o homem-sociedade que controla a organização social e se impõe ao indivíduo. No entanto, essa reivindicação de valores republicanos é unanimemente feita contra a globalização e a Europa responsável pelo não controle dos movimentos migratórios, mantendo um imaginário social *xenófobo*.

A direita e a esquerda encontram a mesma visão das pessoas. Vimos, a este respeito, que as matrizes ideológicas se opõem. A direita tem uma *visão étnica* do povo, a esquerda uma *visão plebéia* . Mas essa diferença agora é coberta por uma nova partição. À direita, uma oposição entre um 'Nós-os-franceses-de-estoque-em-casa' e 'Eles-os-estrangeiros-em-casa'; à esquerda, uma oposição entre 'Nós-o-povo-do-povo-pobre' e 'Eles-as-elites-ricos corruptos'. Mas o fato de os dois campos dedicarem as elites, os poderosos, os ricos, os líderes autoritários às gemônias, a luta de classes à esquerda, a oposição burguesia/popular à direita, foi apagado. Estes discursos, cujo denominador comum é o direito de *ser si mesmo contra o outro*, criam um imaginário social do povo que distingue e se opõe ao 'Nós de baixo' e ao 'Nós de cima', 'a oligarquia e o povo', uma oposição entre duas entidades vagas que seriam grandes e pequenas, bons e maus cidadãos.

Do lado da demanda: o estado da sociedade

Como dissemos na introdução, diante dos discursos da oferta política, devemos observar quais são os discursos da demanda social. Existe, sim, uma influência recíproca, mas não simétrica, um efeito de eco, espelho, entre estes dois discursos, o político e o cidadão, o primeiro tentando agarrar-se ao segundo, o segundo por vezes deixando-se seduzir pelo primeiro, mas também remetendo a ele uma demanda escalonada que o obriga a se retificar, porque a partição da demanda social não corresponde em todos os pontos às matrizes ideológicas de direita e esquerda que se baseiam em uma sistematização do pensamento.

A demanda social também é sensível aos valores, mas são aqueles que se inscrevem na tradição dos ambientes a que pertencem e nas condições de vida da época. Esses valores são carregados por uma população socialmente heterogênea, em sua maioria não politizada, e que não se preocupa com os sistemas de pensamento que os fundamentam. Por muito tempo, esses valores foram agrupados em torno das duas grandes tendências do conservadorismo e do progressismo, sendo reivindicados por diversos setores e pela voz dos sindicatos. Os resultados das eleições mostraram que, até 1980, o eleitorado estava dividido entre eleitores com baixo capital econômico e educacional que votavam mais à esquerda e eleitores com forte capital econômico e educacional que votavam mais à direita. Então o eleitorado se fragmentou gradativamente até que houve transferência de votos, parte do eleitorado de esquerda se dividindo entre a esquerda radical e a extrema direita, parte do eleitorado da direita do governo deslizando para a extrema direita, sem falar no aumento da abstenção, à direita e à esquerda.

Agora, essa clivagem está perturbada. As pesquisas de opinião, por sua vez, também evidenciam esse fenômeno de fragmentação, mudança partidária e deserção do eleitor em relação aos valores expressos. Aprendemos que, de 87% de uma população pesquisada que

acredita que o estado não tem *autoridade*, 56% dizem ser da Frente de Esquerda, 76% do Partido Socialista, 99% dos Republicanos. Ao mesmo tempo, 65% do total querem que mais poder seja dado à polícia, 70% consideram a justiça frouxa e 87% querem um verdadeiro líder para restaurar a ordem. Essa exigência de autoridade vem acompanhada de uma *exigência de segurança*: os entrevistados combinam delinquência, terrorismo e islamismo, que consideram ameaças: 66% dizem que não se sentem mais em casa e 83% acreditam que o fundamentalismo religioso é perigoso[22]. O *European Value Study* que, desde 1981, estuda a evolução dos valores em cerca de trinta países a cada 10 anos, mostra que eleitorados de direita e de esquerda se unem em torno de valores de autoridade: o estado de bem-estar, instituições como a polícia, exército, saúde e escolas (até 80%), e contra instituições políticas (confiança abaixo de 40%) e partidos (queda de 12%)[23]. Uma investigação da Cevipof[24], às vésperas das eleições presidenciais de 2017, mostra que os eleitores 'muito esquerda' ou 'muito direita' defendem o primado da *vontade popular*, denunciam o corte entre as elites e o povo, e protestam contra o intermediário órgãos, os representantes eleitos da República, os sindicatos e os jornalistas. O que é corroborado por outro levantamento do mesmo instituto sobre a *percepção do populismo*, cujo populismo tem pico entre eleitores 'muito esquerdistas' e 'muito direitistas', e até mesmo no 'centro'[25].

Percebe-se uma hipersensibilidade por parte da opinião aos temas da soberania nacional, autoridade, segurança e desejo de reconhecimento, principalmente por parte das camadas populares que têm o sentimento 'de que nada se faz por eles' e que 'os' Eles de cima 'prosperam às suas custas'[26], e que se empoderam recusando qualquer apoio de organismos intermediários. O recente movimento dos coletes amarelos é o testemunho disso, que desafiou a autoridade de órgãos representativos, partidos ou sindicatos, recusou-se a ser representado por lideranças e jogou na mesma cesta especialistas, elites cultas, lideranças de qualquer lado, jornalistas e meios de comunicação , sem no entanto estigmatizar os patrões, enquanto o poder de compra era a principal aposta do movimento[27]. De forma mais geral, vemos o surgimento de movimentos de protesto que não correspondem mais a entidades profissionais, sindicatos ou partidos. Esses movimentos, ao contrário, reúnem populações representativas de diversas profissões (artesanato, comércio, pequenas e médias empresas, profissões médicas e de serviços), e diversas filiações políticas (esquerda e extrema esquerda, direita e extrema direita), por meio da mescla social. afiliações. (popular, médio inferior e superior).

Isso cria uma certa confusão, porque esses discursos encontrar eco na população de onde reações de refúgio em um protecionismo nacional contra a idéia de nacionalidade supra,[28] e

---

[22] Barómetro Político *ViaVoice*.
[23] Publicado por Pierre Bréchon e Frédéric Gonthier (eds.), *La France des valeurs, quarante ans d'évolution*, Presses Universitaires de Grenoble.
[24] *Le Monde,* 13 de fevereiro de 2019.
[25] Estudo Cevipof: "La France populiste?", Maio de 2017.
[26] Robert Castel "Pourquoi la classe ouvrière a perdu la partie", em *La Montée des incertitudes. Travail, protections, statut des individus*, Paris, Seuil, 2009.
[27] Ver: *Le Monde*, 30-31 de maio de 2019.
[28] Recordemos a rejeição do Tratado Constitucional Europeu em 2005 e a rejeição da integração da Turquia na Europa por 60-80% da população.

xenofobia[29], como evidenciado por inquérito que revela que parte da população, a população inquirida, declara que há 'demasiados estrangeiros na França', 91% pertencentes à extrema direita (FN), 50% à LR, LO, NPA e partidos verdes, e 35 a 40% para o PS, PC, UDI. Scrambling também garantido por uma esquerda radical e uma extrema direita que afirmam encarnar as *pessoas reais*, exigem referendos e querem derrubar a classe política.

Os efeitos de interferência da demanda social

Esse novo e complexo estado de demanda social desorganiza, por um efeito de retroalimentação, os partidos, tanto os dos governos quanto os mais radicais, e os coloca em contradição ideológica.

À direita, a matriz ideológica que sustenta que é a natureza que se impõe ao homem, que ele deve aceitar suas desigualdades e se submeter à autoridade, esbarra agora com uma demanda social que exige igualdade, transparência na gestão dos assuntos de Estado, reconhecimento das minorias e uma evolução dos valores sociais. Da mesma forma, sua doutrina de um neoliberalismo econômico defendida em nome da teoria do 'runoff', mas que na realidade favorece as empresas multinacionais, as finanças internacionais e a concorrência, esbarra em um desejo de controle e regulação, por meio de uma parte da direita. eleitorado de ala que exige mais proteção social do estado. E do ponto de vista moral, seu conservadorismo que defende valores como a família baseada apenas no casal homem-mulher para poder gerar filhos, que se opõe ao casamento de pessoas do mesmo sexo, recusa a procriação medicamente assistida (PMA), recusa intervenções no fim da vida e se opõe à pesquisa científica com células-tronco, esse posicionamento sobre os valores da sociedade esbarra em uma mudança na demanda social que, em sua maioria, como mostram as pesquisas, é favorável ao reconhecimento de várias minorias, de seus direitos iguais e à liberdade em matéria de procriação e fim da vida[30].

Na esquerda, os distúrbios são ainda mais pronunciados e graves. De fato, seu corpo doutrinário baseado nos valores de emancipação, progresso, abertura, luta internacional das classes populares está comprometido. Seu progressismo é questionado pelo desenvolvimento de uma tecnologia que mais incapacita do que emancipa e que produz perdas de empregos. Seu objetivo internacionalista tradicional foi substituído por um globalismo econômico abstrato que divide os países. O seu espírito de abertura e solidariedade vai de encontro à invasão migratória e à exigência do encerramento das fronteiras. Pesquisas e resultados eleitorais mostram que as classes populares e médias, mais propensas a votar na esquerda, caminham para uma reivindicação de autoridade, segurança, recusa da imigração, rejeição do comunitarismo étnico e religioso. Os valores de hierarquia e meritocracia, antes odiados pelo eleitorado de esquerda, são considerados legítimos. Um certo conservadorismo - sobretudo no mundo rural e nas pequenas cidades desterritorializadas - é valorizado como resistência às mudanças económicas, e porque nos permitiria recuperar um estilo de vida do passado que

---

[29] Recordemos a rejeição do Tratado Constitucional Europeu em 2005 e a rejeição da integração da Turquia na Europa por 60-80% da população.

[30] Se 74% da população francesa pesquisada é contra a revogação do *casamento para todos*, 56% pertencem aos republicanos (LR).

está a desaparecer, juntando-se a este o eleitorado de direita. Essa população critica os partidos de esquerda por estarem mais preocupados com as minorias sociais do que com a imigração, o que aumenta a insegurança. A esquerda europeia que se declarou a favor da abertura das fronteiras, então, posteriormente, exigiu apenas alguns ajustes técnicos, encontrou o assentimento das classes populares às teses da desidentificação (invasão e desnacionalização), e se sentiu traída[31]. Por fim, as classes trabalhadoras e populares que antes atuavam em relação aos órgãos intermediários, inclusive os sindicatos, reivindicam o 'direito de ser você mesmo' e de atuar sem intermediários, sem dirigentes sindicais ou intermediários.

Em suma, podemos dizer que a esquerda, seja moderada ou extrema, se encontra em contradições ideológicas. Ela se encontra despojada de seus mitos sobre as pessoas, o progresso, a emancipação e a igualdade. E é por isso que, na tentativa de responder a este colapso, parte da esquerda, em alguns países como Espanha (Podemos), Grécia (Syriza), Itália (5 estrelas), França (LFI), se radicalizou em movimentos de revolta e protesto permanente contra todos os sistemas.

Conclusão: onde estamos?

É no encontro do discurso da demanda social e da oferta política que *se gera* um *populismo transversal* que, por seus efeitos de embaralhamento ideológico, rompe as divisões clássicas, à direita e à esquerda. Não sabemos mais quem detém o monopólio do conservadorismo e do progressismo. O conservadorismo específico ao corpo doutrinário da direita, reivindicado em nome de valores de tradição e filiação, encontra-se agora na esquerda em uma versão mais societária, a de uma defesa dos direitos adquiridos em nome de valores igualitários . O progressismo característico do corpo doutrinário de esquerda, defendido em nome da emancipação do indivíduo, é ele próprio minado pelos efeitos combinados do capitalismo financeiro e do desenvolvimento de tecnologias que questionam a própria noção de progresso. As diferenças entre universalismo e relativismo, interesse geral e interesses particulares são borradas, chegando a mesclar liberalismo político, liberalismo social e liberalismo econômico. Isso segue uma ruptura da matriz republicano-naturalista da direita e da matriz republicano-emancipatória da esquerda; uma divisão da democracia cristã francesa em um arquipélago multicultural[32]. E então, uma série de contradições: contradição entre nacionalismo unitário e comunitarismo; contradição entre as demandas libertárias e a demanda por protecionismo; contradição entre exigência de igualdade e reconhecimento de mérito; Finalmente, há uma contradição entre a demanda por crescimento consumista e a demanda por decrescimento.

Assim, a direita e a esquerda se fundem. Não se trata mais de luta de classes, de divisões entre uma classe trabalhadora e uma classe burguesa, mas de uma nova divisão social entre reais e pseudo-franceses, ricos e pobres, os de cima e os de baixo, ou seja, um legítimo *Nós,* contra *Eles,* ilegítimos, encorajando as pessoas a *não serem o outro*, uma nova clivagem que

[31] Ver: Kahn S. e Lévy J., *Le pays des Européens*, Odile Jacob, 2019.
[32] Jérôme Fourquet, *L'archipel français. Naissance d'une nation multiple et divisée*, Limiar, 2019.

alimenta simultaneamente a desconfiança das elites e a rejeição de qualquer *sistema*. Claro, ainda existem algumas diferenças entre os extremos da direita e da esquerda, o primeiro enfatizando mais o protecionismo, o segundo, a igualdade entre os cidadãos; a extrema direita mantendo uma *visão étnica* elitista e fechada do povo, a extrema esquerda uma *visão* igualitária e *plebeia* aberta. Essas diferenças, no entanto, nem sempre são percebidas ou ouvidas por parte da demanda social.